

Apresentação

Poesia e Tradução: relações em questão

É possível entender a poesia e a tradução como experiências singulares na linguagem: a poesia, por abrir-se como um outro lugar e tempo da escrita; a tradução, por flagrar um outro e, nisso, flagrar-se como outro nos tempos e lugares da escrita. Poesia e tradução dramatizam, assim, a condição em que, ao *dizer-um-outro*, diz-se também da singularidade da relação que aí tem lugar. Ao terem lugar, poesia e tradução colocam em questão seu próprio lugar, convocando-nos, de modo privilegiado, a refletir sobre os diferentes modos de entender a literatura na contemporaneidade.

Ao esboçar a partir dessas aproximações seu eixo temático, o número 19 da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* abre espaço para a discussão das relações entre poesia e tradução, seja no campo dos estudos voltados para a discussão de suas possibilidades estéticas e epistemológicas, seja no campo dos estudos de recepção e da crítica de tradução literária.

Abre esta edição a entrevista com o poeta-tradutor-crítico Augusto de Campos realizada por Cristina Monteiro de Castro Pereira. Ao tematizar questões importantes para a crítica e para a teoria da poesia e da tradução, como a diferença entre sua recepção como poeta e como tradutor, sua relação com os diferentes poetas traduzidos ao longo dos anos (individualmente ou em conjunto com Haroldo de Campos e Décio Pignatari), a relação desses poetas com a constituição de um paideuma, a relação orgânica entre poesia e tradução e a relação entre as noções de tradução-arte e poesia-de-invenção, a entrevista antecipa o horizonte de

discussão de questões que serão retomadas, de diferentes perspectivas, em vários dos textos que se seguem.

Em “Traduzindo Haroldo”, Evando Nascimento enceta um movimento de releitura da obra de Haroldo de Campos (e seus impactos) a partir do confronto entre sua obra teórica – centrada, nesse texto, nas noções de recriação e transcrição – e sua obra de criação, como poeta e tradutor. No bojo de um movimento de reavaliação, em grande medida instruído por uma leitura de Haroldo com Haroldo, o autor flagra um Haroldo de Campos que, ao levar às últimas consequências o primado estético da forma, acaba como que por transgredir a própria transgressão. Procedendo assim, o superlativo da radicalização, especialmente a partir de meados da década de 1980, torna-se algo diferente da expressão militante da radicalização vanguardista dos anos 1950. É no faro dessa diferença que se projeta a reflexão do autor.

Os dois textos que se seguem investem numa reflexão de fundo mais teórico no campo de estudos da poesia e da tradução. Explorando as fronteiras teóricas entre a filosofia e a teoria literária em “A tradução e o ditame da poesia”, Susana Scramim parte da obra de Walter Benjamin, especialmente da noção de *sobrevida* e de seus ensaios sobre a tarefa do tradutor e sobre a poesia de Baudelaire e Hölderlin, para desenvolver a ideia de *dictamen* e relacioná-la com a ideia de *tarefa*, nos termos em que essa noção se articula no pensamento de Benjamin e Heidegger. Nesse movimento, aproxima as ideias de *tarefa da tradução* e *tarefa da poesia*, para discutir seus pressupostos e as condições de possibilidade da tradução e da poesia na modernidade.

Em “Sobre a violência da relação tradutória”, Marcelo Jacques de Moraes reavalia o discurso que tematiza a violência da tradução, especialmente em sua expressão programática, como defesa de estratégias tradutórias anti-tnocêntricas, já quase um lugar-comum na pesquisa contemporânea em tradução. Ao colocar em causa o imperativo Bermaniano, segundo o qual a tradução *é relação, ou não é nada*, o autor assume que a relação tradutória já

se apresenta como uma tensão mesmo antes de a tradução ter início e desenvolve, a partir daí, a ideia de tradução como *Bildung*, tanto no sentido atribuído a esse termo no contexto do romantismo alemão quanto em seu sentido freudiano, de uma forma em formação, interminada e interminável.

Os três textos seguintes formam uma sessão que tematiza a organicidade do pensamento sobre poesia e tradução em três casos tão diferentes quanto próximos, na medida em que, em cada uma das obras em questão, a tradução tem lugar não como figura instrumental nem como forma de *sobrevida*, mas sim como força constitutiva ou *necessidade interna* da obra. Em “A tradução em obra na poesia de Max Jacob”, Paula Glenadel explora os modos como, na obra do poeta francês, o axioma Derridiano da conjunção *traduzível-intraduzível* leva a experiência poética aos limites da linguagem. Ao mesmo tempo, traduzindo-se na figura de um tradutor-caranguejo, a autora explicita o exercício de tradução dessa obra como prática que tem lugar na experiência desses limites. Em “A poética de Nelly Sachs”, ao conjugar num só gesto o exercício de reflexão sobre a obra da poeta alemã Nelly Sachs e de tradução dessa poética para o português, Márcia Sá Cavalcante Schuback tensiona sua prática do dizer de novo ao ponto de transformá-la numa forma do dizer-ouvindo, valorizando, como nos casos exemplares dos nós (como nome e pronome) em *nós* ou da voz em *vós*, os ecos e acidentes dessa obra em tradução. Por sua vez, Helena Franco Martins, em “A escrita poética de Wittgenstein, sua tradução”, empenha-se na discussão das relações entre filosofia e poesia na obra do filósofo Ludwig Wittgenstein, nos termos de uma tradução entre o filosófico e o poético. Partindo disso, problematiza os desafios que se impõem à tradução, para o português, dessa escrita que se apresenta, a um só tempo, como comum e estranha.

Os dois textos que fecham esta edição da *Revista*, tensionados pela diferença de suas visadas críticas, contribuem em especial para a reflexão sobre os pressupostos críticos da prática de tradução de poesia no Brasil.

O artigo de Paulo Henriques Britto, intitulado “Para uma tipologia do verso livre em português e inglês”, empreende a primeira etapa de um projeto de rediscussão da categoria do chamado *verso livre* – categoria por demais abrangente, segundo o autor. Para além de preencher uma lacuna nos estudos contemporâneos de poesia, o autor, ao colocar em relação as tradições de versificação de língua inglesa e portuguesa, oferece-nos subsídio crítico importante tanto para a crítica de tradução de poesia quanto para a proposição de futuros projetos de tradução.

Já em “As Flores do Mal sem medida: por uma retradução de Charles Baudelaire”, Álvaro Faleiros parte da discussão do contexto de recepção da obra de Baudelaire no Brasil – diferencial crítico sempre tão decisivo na proposição de um projeto de tradução – para argumentar em favor de uma nova tradução do poeta francês para o português. Para além das especificidades do projeto proposto, o texto de Álvaro Faleiros nos chama ainda a atenção para a necessidade de levar-se em conta, no exercício tanto da crítica quanto da tradução de poesia, a rede de relações em que se inscreve toda tradução. Se, por um lado, a tradução não prescinde de sua relação fundadora com o original, por outro lado, também não se deixa reduzir a essa relação.

A proposição nos é clara e beira o óbvio. Infelizmente, não é como obviedade que essa proposição se traduz no discurso e na prática de tradutores e críticos. Nesse sentido, o movimento provocado pelo texto de Faleiros aponta para a necessidade de reavaliarmos a obviedade de alguns de nossos pressupostos críticos. Esta edição de número 19 da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* se oferece como uma pequena contribuição para esse exercício de revisão e de reavaliação que, a partir do conjunto de discussões aqui apresentado, não se nos impõe, senão, como *tarefa urgente*.

Mauricio Cardozo

Luís Bueno

ENTREVISTA



Imagem gentilmente cedida pelo autor.

